

**DESIGUALDADES INTERDEPENDENTES
E GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO:
NEGOCIAÇÕES, FLUXOS, ASSIMETRIAS**



ELOÍSA MARTÍN
BARBARA GÖBEL (ORG.)

Desigualdades interdependentes
e geopolítica do conhecimento:
negociações, fluxos, assimetrias



© 2018 Eloísa Martín; Barbara Göbel

Coordenação Editorial

Isadora Travassos

Produção Editorial

Ana Cecília Menescal

Isadora Bertholdo

João Saboya

Julia Roveri

Rodrigo Fontoura

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D487

Desigualdades interdependentes e geopolítica do conhecimento : negociações, fluxos, assimetrias / organização Eloísa Martín , Barbara Göbel. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7 Letras, 2018.

ISBN 978-85-421-0674-9

1. Sociologia. I. Martín, Eloísa. II. Göbel, Barbara.

18-50073

CDD: 301

CDU: 316

2018

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá 580, sobreloja 320 – Ipanema

Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Sumário

Agradecimentos	7
Introdução: Assimetrias persistentes: circulação e (in)visibilização do conhecimento científico <i>Eloísa Martín e Barbara Göbel</i>	9
Situando a Sociologia <i>Sérgio Costa</i>	17
A divisão Norte-Sul e as iniciativas do Sul Global para superar a barreira do reconhecimento em publicações científicas <i>Hebe Vessuri, Jean-Claude Guédon e Ana María Cetto</i>	31
(Re)produção de desigualdades e (re)produção de conhecimento: a presença latino-americana na publicação acadêmica internacional em Ciências Sociais <i>Eloísa Martín</i>	56
Os contornos de uma África brasileira em ciência e tecnologia: geografias morais do desenvolvimento e cooperação internacional <i>Cláudio Costa Pinheiro</i>	81
Sociologias do Sul: sobre limites e perspectivas de um campo emergente <i>Marcelo C. Rosa</i>	108
Transformação digital, arquivos e assimetrias do conhecimento <i>Barbara Göbel e Christoph Müller</i>	132
SOBRE OS AUTORES	148

Agradecimentos

A edição do presente livro foi financiada com fundos da Faperj através da bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado 2015. No momento atual de corte de fundos de pesquisa e crise de contas do estado do Rio de Janeiro, que têm afetado de maneira dramática a pesquisa e a educação superior, somos cientes do privilégio de termos os recursos para publicar esse volume.

A maioria das contribuições desse livro é resultado de um esforço multidisciplinar colaborativo que se desenvolveu no marco da Rede Internacional de Pesquisa sobre Desigualdades Interdependentes na América Latina – *desiguALdades.net* – e financiada entre 2009 e 2016 pelo Ministério Federal Alemão de Ciências e Educação (BMBF, Bundesministerium für Bildung und Forschung). Dentro desta rede, o Instituto Ibero-Americano (Ibero-Amerikanisches Institut – IAI) coordenou a temática focal assimetrias do conhecimento. A partir dessa rede, foram organizadas conferências, oficinas, painéis e mesas redondas em congressos e estadias de pesquisa, cujos resultados aparecem em algumas das contribuições deste livro.

Agradecemos especialmente a Vinícius Volcof pela cuidadosa revisão do português.

Versões mais sucintas dos capítulos de Vessuri et al e Marcelo Rosa foram publicadas anteriormente em *Current Sociology*. Agradecemos à revista e ao SAGE pela permissão de publicar versões expandidas e revisadas desses artigos nesse volume.

Introdução: Assimetrias persistentes: circulação e (in)visibilização do conhecimento científico

Eloísa Martín e Barbara Göbel

O presente volume parte da preocupação compartilhada pelas autoras e autores sobre como entender e reduzir o impacto das assimetrias históricas entre o Norte e o Sul Global na produção de conhecimento, em particular nas ciências sociais. Os capítulos têm como foco a América Latina, região de referência para as pesquisas destes intelectuais. Ademais, a partir de experiências colaborativas internacionais concretas – publicações científicas, projetos conjuntos de pesquisa ou de digitalização colaborativa – esse livro procura enfrentar uma reflexão sobre o desafio de promover uma circulação mais simétrica de conhecimentos científicos, que contemple a existência de múltiplas perspectivas e práticas da ciência e visibilize sua diversidade.

Em que pese sua enorme heterogeneidade, a América Latina é uma das regiões do mundo que se destaca por um papel estabelecido e uma continuidade histórica das ciências sociais nos sistemas científicos e o papel dessas no cenário político da região. Não apenas por conta da sua precoce presença no sistema universitário (em institutos, departamentos ou centros de ciências sociais nas universidades), mas também pela sua disseminação através de instituições não-universitárias, bibliotecas, arquivos, academias e associações, aos quais se somam um mercado editorial consolidado, em particular para a academia de língua hispana.

Até meados da segunda década dos anos 2000, presenciamos em países como Argentina, Brasil, Chile, México, Colômbia ou Peru um crescimento notável dos investimentos públicos no sistema científico, o que tem tido também efeitos positivos nas ciências sociais, visíveis em indicadores como o crescimento do número de pesquisadores (doutorandos, pós-doutores, professores concursados, etc.), de projetos de pesquisa e de mobilidade internacional. No entanto, com as recentes crises econômicas e políticas,

acirradas pelo surgimento de governos latino-americanos com orientações ideológicas completamente distintas, vem se tomando decisões políticas no sentido de reduzir o tamanho do Estado. Isso obviamente afeta a circulação de investimentos para a ciência e tecnologia, tornando-os escassos, o que se manifesta não apenas em uma redução global dos recursos em ciência e educação superior, mas em uma priorização da pesquisa aplicada nas ciências naturais. Parece, portanto, apropriado fazer um balanço dos efeitos dessa conjuntura prévia favorável para as ciências sociais (e para a produção científica de maneira geral), vivida no continente ao longo da primeira década do século XXI, como um modo de visibilizar sua importância na produção de conhecimento científico como um todo. Como circulam os conhecimentos científicos produzidos na América Latina? Qual é a atitude da região perante os regimes hegemônicos de publicação? Que novas oportunidades podem chegar a oferecer a transformação digital para reduzir as assimetrias do conhecimento? Alguns dos capítulos desse livro, partindo de diferentes pesquisas e perspectivas teóricas, procuram referir-se a essas questões.

As contribuições que se encontram aqui combinam esforços de reflexão teórica, de pesquisa e de políticas institucionais para discutir – e propor soluções – às assimetrias na produção, circulação e armazenamento de conhecimento científico do/no Sul Global.¹

No primeiro capítulo, Sérgio Costa analisa a desigualdade e a circulação do conhecimento ao defender a necessidade de os estudos pós-coloniais terem consequências na prática da sociologia, para além da crítica epistemológica. Para Costa, a missão crítica dos estudos pós-coloniais foi bem clara e colocada ao longo de algumas décadas. O momento clama, entretanto, por se produzir um conhecimento sociológico crítico e engajado, cujo potencial heurístico seja válido para diferentes sociedades. O desejo é aquele de gerar um impacto no cerne da sociologia, não apenas em suas margens, ou seja, para além do Sul.

Hebe Vessuri, Jean-Cláude Guedón e Ana Maria Cetto, no segundo capítulo, examinam como traçar diretrizes de pesquisa para melhorar a qualidade da ciência na América Latina. O fazem analisando as dinâmicas da publicação científica em periódicos. Os autores se perguntam se o regime de concorrência internacional através da publicação em “*core journals*” tem

1 Para uma discussão sobre a origem e a definição de Sul e Sul Global, ver Pinheiro (2013) e Rosa, neste volume.

um impacto positivo na produção de conhecimento e beneficia o desenvolvimento da região. A discussão que Vessuri e seus colegas trazem sobre as burocracias da ciência pública na América Latina joga luz sobre a questão da qualidade da ciência e de como promovê-la, fomentando ao mesmo tempo a solução de problemas locais e a relevância desses conhecimentos para a ciência praticada em outras partes do planeta.

Em diálogo com o capítulo de Vessuri, Guedon e Cetto nesse volume, a contribuição de Eloísa Martín discute a divisão internacional do trabalho acadêmico e de que maneira os autores latino-americanos participam dela. A partir da análise de uma revista internacional central (um “*core journal*”), a autora discute se (e como) a publicação em periódicos internacionais reproduz e cristaliza a desigualdade acadêmica. A questão da internacionalização da sociologia é debatida a partir da distribuição e presença qualificada de autores do mundo todo, mas com peculiar atenção aos latino-americanos na revista *Current Sociology*. Ao fazer isso, Martín também oferece, a partir de um caso concreto, um panorama dos últimos 65 anos das assimetrias no campo da sociologia.

Analisando a cooperação científica brasileira com a África, Cláudio Pinheiro ilumina como historicamente o país tem organizado suas agendas em torno da divisão binária entre o aprendizado do progresso e da modernidade (cooperação com o Norte) *versus* a promoção da assistência (cooperação com o Sul Global). O autor dá conta de como essas agendas e definição da cooperação científica reproduzem uma geografia moral do desenvolvimento. Para tanto, Pinheiro discute como o conceito de “Sul” – representando uma geografia moral da desigualdade – opera em práticas de Estado na agenda do desenvolvimento e da produção científica.

Na mesma linha, compreender sob quais condições o conceito de “Sul” tem sido utilizado para fomentar o debate sobre a produção sociológica fora do Norte, é o objetivo do capítulo de Marcelo Rosa. Ele realiza esse esforço a partir da revisão de publicações recentes de três dos mais notórios autores sobre “Sul”: Boaventura de Sousa Santos, Raewyn Connell, e Jean e John Comaroff. A escolha desses autores se deve, segundo Rosa, a que eles procuraram um uso mais circunscrito do termo, indispensável para torná-lo mais instrumental nos debates sociológicos atuais, em particular porque os cientistas sociais do Sul vêm participando ativamente das disputas sobre a noção de teoria e sua produção num contexto geopolítico de desigualdade.

A partir da análise das infraestruturas do conhecimento, Bárbara Göbel e Christoph Müller discutem a desigualdade na circulação, visibilidade, acesso e armazenamento (o arquivo) do conhecimento. Uma das questões centrais que os autores colocam é se a transformação digital reduz as assimetrias persistentes entre as infraestruturas do conhecimento ou se, ao contrário, essa transformação digital produz novas assimetrias. Com foco nas articulações interinstitucionais, Göbel e Müller chamam a atenção sobre a necessidade de alcançar um consenso de normas, formatos e processos de digitalização para poder conectar arquivos com perfis e lógicas institucionais diferentes.

Com diferentes focos temáticos, experiências institucionais e perspectivas analíticas, as contribuições desse livro ilustram as configurações assimétricas da produção, circulação e o acervo de conhecimentos nas ciências sociais. A partir desse debate, podemos identificar três estratégias centrais para inserir as perspectivas do/no Sul Global nas dinâmicas acadêmicas e científicas globais: que correspondem a projetos epistemológicos, a propostas institucionais e a políticas científicas e de Estado.

Uma das possíveis estratégias é a de articulação entre distintas perspectivas a partir de uma transversal comum, funcionando, assim, como um prisma. Temáticas transversais (como trabalho, saúde, gênero, religião, desigualdades), que fazem referência a fenômenos que são considerados de presença e relevância global e possuem um papel chave para desenvolvimentos teóricos e metodológicos em diferentes disciplinas das ciências sociais, permitem inter-relacionar distintas dimensões, enfoques e produções científicas, tanto do Norte quanto do Sul Global. Isso flexibiliza e permeabiliza os limites disciplinares e abre novos espaços para a entrada de perspectivas analíticas do Sul Global, que confluem para descentralizar as perspectivas Norte-Atlânticas imbricadas historicamente na origem e desenvolvimento das disciplinas.²

Um dos maiores desafios desta estratégia se apresenta na negociação de temáticas transversais e transregionais: Como se constrói uma base comum, apesar das diferenças? Quem participa, e de que maneira, na definição dos conteúdos? Quem desenvolve essa temática, e como? Quem desenha os

2 Um exemplo de um esforço nesse sentido é a rede de pesquisa interdisciplinar, internacional e multi-institucional sobre desigualdades interdependentes em América Latina – o *desigualdades.net* – que foi coordenada entre 2009 e 2016 pela Universidade Livre de Berlim e o Instituto Ibero-Americano, e financiada pelo BMBF (Ministério Federal de Educação e Ciência de Alemanha).